

PROBLEMAS E QUESTOES

PRONOMES, ANÁFORAS, ZERO:  
OBSERVAÇÕES SOBRE UMA MUDANÇA LINGUÍSTICA

Miriam LEMLE (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

A tese de Samuel Moreira da Silva, *Études sur la symétrie et l'asymétrie sujet/objet dans le Portugais du Brésil* (Université de Paris VIII, 1983) contém alguns julgamentos de aceitabilidade que suscitaram o desacordo entre alunos de pós-graduação em Linguística da Faculdade de Letras da UFRJ, turma de 1982, com quem discuti esse trabalho. O objetivo deste esboço é tentar caracterizar e explicar essa divergência que se verificou nos critérios de avaliação de aceitabilidade entre falantes de dialetos distintos do Português do Brasil.

A primeira diferença diz respeito à avaliação dos exemplos 25, 28 e 29 do Primeiro Capítulo. Ao tratar das formas reflexivas *se, si, consigo*, Moreira da Silva restringe essas formas à variante dialetal que ele denomina Língua Literária e afirma que na variante a que dá o nome de Língua Falada teríamos, em lugar dessas formas, o elemento lexical *ele*.

- 25.a. Ele vê ele (mesmo) no espelho.  
b. Ele é tão vaidoso que só fala dele (mesmo).  
c. Ele pensou com ele (mesmo) que ele devia ir embora.
- 28.a. O João disse que o Pedro não deu um presente para ele.  
b. Meus amigos disseram que os velhos defendem eles.  
c. Joana acha que Maria não gosta dela.
29. Pedro está lavando (coçando, barbeando, ves-

tindo) (ele).

Nesses exemplos, Moreira da Silva admite uma interpretação reflexiva para o termo *ele*, ou seja, uma leitura na qual essa palavra é entendida como referente ao mesmo referente do sujeito da sua própria oração. Essa leitura se mostrou irrealizável entre os falantes mencionados antes (inclusive eu mesma), que atribuem, obrigatoriamente, a *ele*, referência distinta daquela do sujeito da sua própria oração (a menos que esteja, por sua vez, contido em um SN, o que o libera para co-referência com SN da unidade maior).

A segunda divergência de avaliação foi com relação aos exemplos 26 e 27, verbos dados nas gramáticas normativas como intrinsecamente reflexivos, mas que na Língua Falada, segundo o autor, perderam os seus clíticos:

- 26a. Pedro desmaiou, cansou, repousou, despediu,...
- b. Pedro não sabe exprimir, comportar, queixar, con-  
doer, conformar, descuidar, esquecer,...
- 27a. indignar-se, ufanar-se, atrever-se, admirar-se,  
lembrar-se, esquecer-se, orgulhar-se, arrepende-  
se.
- b. ir-se, partir-se, sentar-se, sorrir-se.

A divergência de avaliação notada aqui foi no sentido de que, ao contrário de Moreira da Silva, cuja Língua Falada rejeita para todos esses verbos o uso com o clítico *se*, os alunos admitiam apenas para um sub-conjunto deles o uso não pronominal.

Resumindo, os dois pontos de divergência dialetal notados foram:

*Primeiro:* âmbito de leitura de *ele* com referência *presa*

Dialeto mineiro - *ele* recebe interpretação *presa* no âmbito da oração.

Dialeto carioca - *ele* recebe interpretação *não-presa* no âmbito da oração.

*Segundo:* obrigatoriedade da marca de reflexibilidade .  
Dialeto mineiro - perda total da marca de elemento anáforico obrigatório.

Dialeto carioca - há verbos que mantêm a exigência de elementos anafóricos obrigatórios, com interpretação *presa*.

Nesta terminologia, que é a de Chomsky 1982, diz-se que um elemento é *preso* num determinado âmbito quando nesse âmbito ele tem um antecedente que o c-comanda e que tem o mesmo índice referencial.

O ponto com que gostaríamos de acenar é o de que há algo em comum entre as duas divergências interdialetais observadas. Na primeira, podemos dizer, indo do dialeto carioca para o dialeto mineiro, que a palavra *ele* passou de *pronome* a *anáfora*. Na segunda, indo na mesma direção Rio-Minas, podemos dizer que a *anáfora* se esvaiu. É tentador olhar para essas duas mudanças procurando relacioná-las. O pronome, enfraquecido, com a perda do seu poder de possuir um índice referencial próprio, se transforma numa *anáfora*. Na *anáfora*, o enfraquecimento é o total esvaimento morfológico. Essa ligação entre as duas mudanças pode por sua vez ser expandida, e ligada à observação de Moreira da Silva quando nota que há diferença entre as duas variedades Língua Literária e Língua Falada no uso de pronome sujeito: o pronome é mais exigido em Língua Falada do que em Língua Literária. A proposta de explicação dada pelo autor (p. 146) de que a preferência da Língua Falada em manter a presença do pronome sujeito decorreria de um enfraquecimento do elemento ACCORD da FLEXÃO - enfraquecimento que pode muito bem ser o resultado da perda do traço PESSOA - se encaixa lindamente no encadeamento observado acima. Essa perda seria o momento inicial de um processo de perdas do traço PESSOA em sucessivos elementos.

Primeiro, indo de Língua Literária para Língua Falada, vemos a perda do traço PESSOA em FLEXÃO, que torna necessária a marcação de PESSOA pelo uso do pronome sujeito.

Segundo, indo de Língua Falada Carioca para Lín-

gua Falada Mineira, temos a perda do índice referencial autônomo do elemento pronominal, com sua transformação em anáfora.

Terceiro, indo de Língua Falada Carioca para Língua Falada Mineira, temos a queda do elemento anafórico obrigatório.

Assim, parece que o traço PESSOA *i*, se comporta de maneira semelhante à de um traço distintivo da fonologia. Pode constituir feixe junto com associações diversas de traços, pode passar de um segmento a outro, pode esvair-se.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHOMSKY, N. (1982) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Holanda: Foris Publications.
- MOREIRA DA SILVA, S. (1983) *Études sur la symétrie et l'asymétrie sujet/objet dans le Portugais du Brésil*. Paris: Université de Paris VIII, Département de Linguistique Générale: Tese de Doutorado inédita.